

## Entrevista com Carlos Gaspar:

### “A invasão da Ucrânia põe em causa as relações entre as principais potências”

*Investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI), Carlos Gaspar analisa o impacto geopolítico da invasão da Ucrânia pela Rússia de Vladimir Putin. Mudanças na Europa, erros de avaliação dos estrategos do Kremlin e o papel da China estão entre os assuntos abordados*

**Manuela Goucha Soares | *Expresso* | 24 MARÇO 2022**

"Aguerra é imprevisível. Winston Churchill dizia que na guerra não há certezas. Os planificadores russos não podem ser criticados por não terem previsto um levantamento geral dos ucranianos, [em resposta] ao apelo do Presidente [para] armamento da população. Isso não acontecia na política europeia desde a Revolução Francesa e é uma coisa extraordinária", disse o investigador do IPRI, Carlos Gaspar em entrevista ao Expresso onde faz uma análise detalhada do primeiro mês da invasão russa da Ucrânia

#### **Um mês depois da invasão da Ucrânia, há condições para uma intervenção das forças de paz das Nações Unidas?**

É improvável. A Rússia é membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, pode vetar o envio de qualquer missão militar da ONU. Parece uma possibilidade excluída à partida.

#### **O cenário mais provável para a evolução do conflito é a manutenção dos confrontos entre forças da Ucrânia e Rússia e, eventualmente, da Bielorrússia?**

É importante limitar o conflito. A invasão russa da Ucrânia é uma agressão e uma violação pacífica do direito internacional, e o regresso da guerra entre Estados na Europa, o que não acontecia desde 1945. Não há nenhuma maneira de minimizar a importância da invasão russa. Mas é uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia, uma agressão da Rússia à Ucrânia. É improvável que a Bielorrússia seja trazida para o conflito. Aparentemente, não tem forças militares capazes de entrar neste conflito, são pouco profissionais e operacionais neste momento. É improvável.

#### **E se a Rússia passar a usar território bielorrusso?**

Já usou. A invasão que se dirige para Kiev, [usando] um eixo Norte-Sul, parte, em paralelo, da Bielorrússia e da Rússia.

#### **Mês e meio antes da invasão da Ucrânia, a Rússia enviou tropas para o Cazaquistão, outra ex-república soviética. Foi um primeiro ensaio, ou o Cazaquistão beneficiou da circunstância de Putin de estar a preparar a invasão da Ucrânia?**

A intervenção no Cazaquistão insere-se num registo diferente. Em primeiro lugar, foi uma missão da Organização do Tratado de Segurança Coletiva, que une a Rússia e os seus aliados dentro do espaço pós-soviético. Era uma missão para reestabelecer a ordem interna, [após] levantamentos, manifestações espontâneas e da oposição que puseram em causa o regime. As autoridades russas, como faziam no passado as autoridades soviéticas, fizeram uma pequena e breve intervenção militar para restaurar a posição dos dirigentes cazaques no poder, sem afetar o planeamento militar da invasão da Ucrânia, que estava a ser preparada, pelo menos, desde março do ano passado.

**As autoridades ucranianas têm repetido que a invasão não está a correr como Putin e os seus exércitos esperariam.**

Há um consenso entre os analistas militares sobre isso. No melhor cenário, esta operação ter-se-ia concentrado nos primeiros dois ou três dias sobre Kiev, numa missão das forças especiais, que poderia ter decapitado o regime e neutralizado a estrutura de comando das forças armadas [ucranianas]. Isso não aconteceu.

**Que falhou no planeamento russo?**

Os ucranianos não colaboraram com o planeamento estratégico e militar russo. Resistiram logo no aeroporto de Kiev que era essencial para o sucesso do golpe. Um mês depois da invasão, o aeroporto de Kiev ainda não foi tomado. As duas colunas que vieram da Bielorrússia e da Rússia foram travadas a cerca de 20 quilómetros de Kiev, estão imobilizadas há várias semanas. Kiev está a ser atacada pela aviação e pela artilharia russas, mas não há movimento significativo de tropas. Nos outros eixos houve progressos importantes no Sul, onde as tropas russas, as tropas invasoras progrediram cerca de 200 quilómetros em direção a Odessa. [Ainda não] conquistaram nenhuma cidade importante, à exceção do porto de Kherson, que assegura o controlo do rio Dniepre, que vai até Kiev. Aparentemente, Putin desistiu de decapitar o regime. Está a negociar com as autoridades e o seu ministro dos Negócios dos Estrangeiros, Sergei Lavrov, admitiu uma cimeira entre o Presidente Putin e o Presidente Zelensky. [Por outro lado] há uma redução das expectativas em relação aos objetivos maximalistas russos. A Rússia, à mesa das conversações, já não exige a destruição das Forças Armadas da Ucrânia, como Putin exigiu publicamente, no seu tópico sobre a desmilitarização da Ucrânia. A Rússia já aceita que as forças ucranianas continuem a existir. Passámos, claramente, de um plano A para um plano B, com objetivos de guerra revistos em baixa. **Esta mudança de estratégia deve-se a más informações iniciais ou a mau planeamento?**

A guerra é dinâmica e imprevisível. Winston Churchill dizia que na guerra não há certezas.

**A capacidade de luta individual e coletiva determina o curso dos acontecimentos?**

A guerra é um processo extremamente dinâmico, sobretudo no terreno. Acontecem imensas coisas que não estavam previstas, que podem alterar a moral, os planificadores russos não podem ser criticados por não terem previsto um levantamento geral da

população ao apelo do Presidente [para] armamento da população. Isso não acontecia na política europeia desde a Revolução Francesa e é, de facto, uma coisa extraordinária. Os russos entraram na Ucrânia no pressuposto de que iriam ser recebidos como libertadores, e foram recebidos como invasores. Essas coisas não se podem prever. A invasão russa fortaleceu de maneira decisiva o nacionalismo ucraniano.

### **A guerra vai prolongar-se por muito tempo?**

As guerras são imprevisíveis. Há dois cenários que apontam para resultados diferentes. Não sabemos o que se passa no círculo de decisão de Moscovo, entre os responsáveis políticos e os responsáveis militares que têm a responsabilidade das operações no terreno. Não temos essas informações e, portanto, a nossa avaliação e análise é sempre deficiente. Possivelmente, o Presidente Putin, que iniciou esta ofensiva e decidiu a invasão, não pode retirar-se derrotado sem pôr em causa a sua continuidade. Deste ponto de vista, tudo aponta para um cenário de guerra prolongada. O isolamento da Rússia na política internacional, na comunidade internacional, é manifesto, mas pode haver imperativos operacionais logísticos que não sabemos avaliar nesta altura, que apontam, ao contrário, para a necessidade de encurtar as operações. E isso apontará para um cenário de uma guerra menos prolongada, sobretudo se se confirmarem os problemas de abastecimento ou reabastecimento das várias divisões militares russas no terreno.

### **Temos indicação de que já terão morrido 15 mil militares russos...**

Essa é uma indicação ucraniana, a indicação que vem do lado russo de 500 mortos por dia. É muito considerável.

### **Com muitas vítimas entre as altas patentes...**

É uma fuga do Ministério da Defesa russo. Há um número importante de generais que morreram em combate. Os historiadores militares sublinham que isto é típico dos cercos, desde a Idade Média que os cercos a cidades, os cercos a fortalezas, são as operações militares onde morrem mais comandantes. Numa operação deste tipo é necessário que os oficiais de alta patente estejam nas primeiras linhas para impedir uma desorganização das posições.

### **Este número tão elevado de altas patentes a morrer em combate pode levar o exército russo a rebelar-se contra Putin?**

Não me parece. Não julgo que esse cenário esteja em cima da mesa. O exército russo não tem nenhuma tradição de fazer golpes militares, nem durante o império czarista, nem durante o período soviético, nem no período pós-soviético.

### **A comunidade internacional, a NATO, irá manter a posição de tentar tudo para evitar uma intervenção no terreno?**

Certamente que sim. A estratégia dos aliados ocidentais, dos Estados Unidos, da União Europeia e da NATO é de limitar esta guerra e evitar até ao limite do possível qualquer intervenção da NATO no terreno.

### **Tem havido progressos no campo diplomático, nestas duas semanas?**

O nosso critério para medir essa evolução seria a cessação das hostilidades, e não há indicação de cessação das hostilidades. Há conversações, entre russos e ucranianos, entre representantes oficiais de Putin e de Zelensky, para definir os termos eventuais de uma futura negociação. Mas o nosso critério de avaliação sobre o progresso nesse domínio é a cessação de hostilidades. Nem há sinais nesse sentido, e há uma intensificação da brutalidade dos combates. São tropas chechenas que estão a entrar em Mariupol. Os corredores, a assistência humanitária não pode entrar em Mariupol, é uma situação sem precedentes. Mesmo nas guerras de secessão da Jugoslávia, os sérvios deixavam passar a assistência humanitária para dentro das cidades cercadas. Os russos, aparentemente, não aceitam fazer isso. É uma situação bárbara. Nestas condições extremas, falar de progressos diplomáticos parece-me menos apropriado.

### **Refiro-me ao trabalho diplomático que esteja a ser feito?**

Há, com certeza, mas os resultados não estão à vista.

### **O que é que a Europa, os países europeus, incluindo o Reino Unido, podem e devem fazer nesta altura?**

O Reino Unido e os Estados Unidos foram os primeiros a começar a armar e a treinar as Forças Armadas ucranianas, antes da invasão, para lhes dar capacidade de defesa perante uma ofensiva de exército moderno e bem preparado. No dia que se seguiu à invasão, a Alemanha mudou a sua política desde 2014, e forneceu armas à Ucrânia pela primeira vez. Mais importante, a Alemanha fez uma revolução na sua política de defesa e na sua política energética. A Alemanha decidiu duplicar o seu orçamento de defesa, três dias depois da invasão. Isto significa que a Alemanha vai passar a ter o terceiro maior orçamento de defesa do mundo, a seguir aos Estados Unidos e à China, acima do orçamento da Rússia, da França ou da Grã-Bretanha. Esta revolução torna possível uma europeização da NATO, a criação de um exército europeu na NATO, com capacidade para conter autonomamente, e sem a intervenção dos Estados Unidos, uma ameaça convencional da Rússia nas fronteiras da Aliança Atlântica. Paralelamente, o chanceler Scholz anunciou que iria parar [a construção do gasoduto] Nord Stream 2 e que iria mudar a sua política energética para reduzir drasticamente a dependência dos recursos energéticos russos. Isto é outra revolução na política alemã... o resto dos países da União Europeia vai seguir o caminho que a Alemanha decidiu tomar. E isso vai tornar possível uma [maior] capacidade de defesa europeia no quadro da Aliança Atlântica.

### **Teremos 27 Estados-membros da UE a reforçarem os orçamentos da Defesa?**

Exato. Há Estados da União Europeia que não fazem parte da NATO, ou que são neutrais, como a Suíça, e estão a aumentar os seus orçamentos de defesa. O regresso da guerra é uma realidade. A guerra da Europa, a guerra entre Estados na Europa, é uma realidade que não existia desde 1945. Isso acordou as democracias europeias.

### **Para o problema da Defesa?**

Da sua própria defesa.

### **A discussão sobre o serviço militar obrigatório vai estar em cima da mesa nos países europeus?**

Há países que continuam a ter formas de serviço militar obrigatório. A Suíça é um exemplo. Há várias modalidades. O mais importante em todo o caso é finalmente existirem recursos financeiros que permitem construir uma defesa séria da Europa no quadro da NATO.

### **E ao nível da ajuda humanitária? A Moldávia não pertence à União Europeia, e não pertence à UE. Como é que a União Europeia pode ajudar a Moldávia?**

Tem de encontrar formas mais ou menos flexíveis de ajudar a Moldávia, que é um país muito pequeno, muito pobre, muito exposto e que está a receber muitos refugiados, como é sua obrigação humanitária, e que simplesmente não tem dinheiro para pagar os custos da receção dos refugiados. É preciso encontrar todas as maneiras possíveis para sustentar esse esforço da Moldávia, que é parte integrante do esforço europeu..

### **Até porque estamos a falar de refugiados de longa duração...**

Provavelmente uma parte são refugiados de longa duração. Pela nossa experiência em Portugal, os ucranianos têm uma grande capacidade de integração, são ótimos quadros, ótimos trabalhadores e são uma mais-valia para a Europa.

### **Há dez ou 11 anos começou a guerra da Síria, e a posição tomada no quadro internacional foi diferente, especialmente em relação aos refugiados. Isto explica-se só pela geografia ou entram outros fatores?**

Depende dos casos, e depende dos países e das datas. A dada altura a Alemanha abriu as portas a um milhão de refugiados oriundos, sobretudo, da guerra civil síria, [cujo número aumentou] depois dos bombardeamentos russos em Aleppo. Houve países da Europa Central e Oriental, sem tradição internacional de receber refugiados de países fora da Europa, sem contactos históricos com realidades, culturas e civilizações fora da Europa (ao contrário do que acontece em Portugal, Espanha, França, ou na Grã-Bretanha), que foram extremamente renitentes em receber refugiados. Mas esta é uma guerra europeia, e isso torna as coisas diferentes, sobretudo para os países da Europa Central e Oriental. É pena que não tenham tido a mesma abertura em relação aos refugiados sírios. Ainda bem que têm a abertura que têm mostrado em relação aos refugiados ucranianos.

### **O conflito na Ucrânia pode-se arrastar no tempo, a Síria ainda não está totalmente pacificada?**

O conflito da Síria é uma guerra civil, com uma intervenção externa maciça, indireta. Não é uma guerra entre Estados. Aqui há uma guerra entre dois grandes Estados, a Rússia que é uma das três grandes potências internacionais, e a Ucrânia que é um dos maiores países europeus, é o segundo maior país das antigas repúblicas soviéticas. O conflito pode durar, mas não é provável que dure tanto como na Síria, e a sua duração tem um significado diferente. A guerra da Síria, dramática e trágica, e ignorada pelos europeus, era mais autocontida. Aquilo que estamos a ver é que a invasão da Ucrânia

tem um dinamismo internacional, está a provocar mudanças internacionais numa escala completamente diferente, põe em causa mesmo as relações entre as principais potências internacionais, os Estados Unidos, a Rússia e a China, para não falar, obviamente, de todos os países europeus que tiveram uma resposta muito dramática desde a primeira hora, a começar pela Alemanha.

### **A China pode ter um papel na paz importante?**

Não, não pode ter, porque não tem nenhum tipo de imparcialidade. A Rússia e a China têm uma parceria estratégica antes da guerra começar, 15 dias antes da guerra começar houve uma cimeira entre o Presidente Putin e o Presidente Xi Jinping, em que essa parceria estratégica foi elevada a um novo estatuto. Tem um estatuto de aliança. A parceria estratégica, segundo o documento que foi aprovado em fevereiro deste ano, diz que é uma parceria estratégica sem limites, o que é uma boa definição de aliança. Há muitas alianças que têm limites. A China nada fará que possa prejudicar a Rússia, muito menos durante uma situação de conflito. A sua pretensão ou a de alguns oficiais chineses de terem uma atitude de imparcialidade em relação ao conflito é uma ficção.

<https://expresso.pt/guerra-na-ucrania/2022-03-24-Entrevista-com-Carlos-Gaspar-A-invasao-da-Ucrania-poe-em-causa-as-relacoes-entre-as-principais-potencias-b8a93919>